

NOTAS DE PROGRAMA

Por Marcelo Batura Losso Pedroso

Alexandre Guerra – Suíte sinfônica “Brasil Azul”

Nascido em São Paulo, Alexandre Guerra (1971) foi incentivado pelo pai desde cedo a fazer arranjos e composições para trilhas sonoras de obras audiovisuais. Depois estudou harmonia com Hans-Joachim Koellreutter (1915-2005), que lhe deu a habilidade para lidar com uma grande variedade de estilos. Alexandre Guerra formou-se em música de cinema pela Universidade de Boston e hoje é reconhecidamente o principal compositor brasileiro de trilhas sonoras para o cinema e documentários audiovisuais.

A Suíte Sinfônica “Brasil Azul” foi escrita para um documentário homônimo dirigido por Cristian Dimitrius para o Disney+, teve narração de Alice Braga e fez sua estreia oficial pelo canal da National Geographic, no dia 24 de setembro de 2021.

Radamés Gnatalli – Suíte Retratos

Radmés Gnatalli (1906-1988) é um dos monstros sagrados da música brasileira. Mas talvez seja nome que ainda passe despercebido no cenário musical brasileiro. Se nunca ouviu falar nele é por conta de sua inadequação entre a música erudita e a música popular brasileira. Para Tom Jobim, Gnatalli era “o pai musical de todos nós”.

Por ser extremamente inovador, compôs para instrumentos geralmente negligenciados pela grande maioria dos compositores eruditos brasileiros, como acordeon, cavaquinho, bandolim e harmônica de boca (gaita), criando uma sonoridade própria, uma espécie de marca registrada que se faz reconhecer de imediato, ao som dos primeiros acordes. Transitou com muita naturalidade entre a música de concerto e a música popular de tal forma que acabou por ser negligenciado nesses dois universos.

Gnatalli rompeu barreiras e criou laços entre o popular e o erudito, tornando-se um dos maiores maestros brasileiros. Soube dividir-se entre a composição da música de concerto (como ele chamava a música erudita) e seu trabalho incansável como maestro de rádio, estúdios de gravação e televisão. Em 1930, fundou a Rádio Nacional e inaugurou o que viria a ser conhecido como “a moderna orquestração brasileira”.

De origem italiana, Gnatalli nasceu em Porto Alegre, vindo de uma família de músicos. Iniciou no piano já aos 3 anos de idade com sua mãe; aos 14 anos é admitido para o Conservatório de Porto Alegre e acaba largando a escola para se dedicar exclusivamente ao estudo musical. Multi-instrumentista desde cedo, Gnatalli também estudou flauta, clarineta e violino. Possui mais de 400 composições, sendo que cerca de 300 delas, de música para concerto, escritas sempre à lápis, quase nenhuma delas editadas. O compositor raramente apagava uma ideia já escrita na partitura, mas também pouco se preocupava com o perecimento de suas obras, hoje, seus originais são de difícil leitura, pois o grafite do lápis cada vez mais foi se esvanecendo.

Há uma certa unanimidade em reconhecer Radamés Gnatalli como o fundador do arranjo moderno da música popular brasileira. Sua atuação incomum lhe legou uma posição singular na história da música brasileira, difícil de enquadrar entre a música erudita e a música popular. Aos 77 anos ganhou o maior prêmio da música erudita brasileira, o Prêmio Shell (1983).

A Suíte *Retratos*, foi composta em 1956 para bandolim solista, conjunto de choro e orquestra de cordas. É uma suíte em quatro movimentos nos quais são homenageados algumas das personalidades mais marcantes da música popular brasileira: Pixinguinha, Ernesto Nazareth, Anacleto de Medeiros e Chiquinha Gonzaga. Cada movimento retrata o estilo musical destes compositores homenageados. Gnatalli escolheu uma peça modelo que serviria de base para cada um dos movimentos.

Cada compositor escolhido simbolizava um estilo próprio, sendo representado por uma obra-paradigma. Assim, (I) Pixinguinha é representado pelo choro; (II) Nazareth pela valsa; (III) Anacleto, maestro da Banda do Corpo de Bombeiros, pelo schottisch; e

(IV) Chiquinha Gonzaga, pelo maxixe. Essa escolha também reflete os elementos que definiram os primórdios da música popular brasileira. O choro, como música urbana, a valsa e o scottisch, como a inegável herança europeia, e o ritmo africano presente no maxixe do ritmo corta jaca.

A Suíte é de tal forma bem elaborada que não abandona as texturas e os ritmos contrastantes da dança da suíte barroca. A base melódica de cada um dos movimentos evoca uma determinada peça composta pelo homenageado. Podemos reconhecer o choro *Carinhoso*, em Pixinguinha; a valsa *Expansiva*, em Ernesto Nazareth; *Três Estrelinhas*, em Anacleto de Medeiros; e o famoso *Corta Jaca*, no maxixe de Chiquinha Gonzaga.

Contudo, não se engane, Gnattali não faz arranjos desses modelos, ele transforma os elementos originais, dando à peça uma identidade própria. O musicólogo Lúcio Rangel muito bem observou: "na "Suíte", os retratos são padrões de originalidade e, ao mesmo tempo, dão ideia perfeita de quatro grandes músicos".

Curioso que na contracapa do disco da primeira gravação (de 1964) constou: "Concerto para bandolim, orquestra de cordas, violão e cavaquinho". Mas Radamés nunca aprovou esse título de "Concerto", dado à sua revelia, preferindo chamar sua obra de "Suíte". A *Suíte Retratos* foi dedicada a Jacob Bittencourt, o famoso "Jacob do Bandolim", uma verdadeira lenda na choro.

Nino Rota – O Poderoso Chefão

Todo mundo já deve ter visto ao filme *O Poderoso Chefão*. E se não percebeu, aquela música de fundo que arrebatava é do compositor de óperas, Nino Rota (1911-1979). Em outubro de 1971, Francis Ford Coppola fez questão de ir até a Itália convidar pessoalmente Nino Rota para fazer a música do filme. Nino Rota já era um famoso compositor de trilhas sonoras. Célebre era sua parceria com o cineasta Federico Fellini, para quem compôs as músicas de todos os seus filmes.

No ano de 1972, o filme arrebatara 3 estatuetas do Oscar e Nino Rota estava cotadíssimo para ser premiado. Contudo, a Academia soube que parte dos acordes da

trilha sonora já teriam sido utilizados por Rota em outra composição. Nino Rota, ao ser consultado, confirma que já havia utilizado em 1970, para o filme *Os Palhaços*, de Federico Fellini. Não dá para dizer se Nino Rota foi um tanto rigoroso consigo próprio ao admitir o autoplágio; mas por conta disso, ele perdeu o Oscar. Em 1975 a Academia tenta recompensá-lo, dando-lhe o Oscar pela sequência do Poderoso Chefão, mas Nino Rota não compareceu para receber o prêmio.

Ennio Morricone – Trilhas sonoras

Ennio Morricone (1928-2020) nasceu em Roma e aprendeu desde cedo com seu pai a tocar trompete, ingressando aos 12 anos na Accademia Nazionale di Santa Cecilia, completando o curso de 4 anos em apenas 6 meses. Sua carreira iniciou com composições para o rádio, mas só em 1960 desponta como suas fabulosas trilhas sonoras para o cinema.

Uma de suas mais conhecidas obras, a trilha sonora para o filme de 1986, *A Missão*, de Roland Joffé, é um belo exemplo de sua habilidade em capturar a atmosfera do filme. A trilha mescla cantos litúrgicos com batidas, cantos hispânicos e cordas.

Em 1971, Morricone compõe a trilha *Chi Mai* para o filme *Madalena* e, encerrando sua parceria histórica com o cineasta Sergio Leone, a trilha do clássico *Era uma vez na América* (*Once upon a time in America*). Nessa trilha seu nome não pode concorrer ao Oscar por ter sido, por engano, cortado dos créditos finais do filme.

Ennio Morricone faleceu aos 91 anos, ao cair e quebrar o fêmur, nos legando mais de 500 composições para o cinema.

*É doutor em Direito pela USP e pós graduado pela The Anderson School of Management da UCLA – Los Angeles e diretor do Jornal de Piracicaba.